

# LÉVINAS, BLANCHOT E A FILOSOFIA

**Lucila Lang Patriani de Carvalho**

Doutoranda - Departamento de Filosofia da USP

lucilalangpatriani@gmail.com

**Resumo:** A proposta de nosso trabalho é a de analisar a relação do pensamento de Emmanuel Lévinas com o de Maurice Blanchot, realizando um recorte temático estabelecido a partir da própria filosofia, de modo a aprofundar e concentrar as múltiplas possibilidades de interações entre os autores. Para tanto, partiremos, principalmente, de textos em que cada um dos pensadores se dedicou a estudar e a dialogar com o outro - a exemplo de "Sobre Blanchot", de Lévinas, além de trechos da "A Conversa Infinita", de Blanchot. A estas obras se somam, atualmente, as possibilidades de leituras de diversos temas que se comunicam nas obras destes autores - o estatuto do estrangeiro, a alteridade, a escritura e a palavra, entre outros. Para além destes muitos temas que relacionam os autores, gostaríamos de aprofundar nossa análise considerando a dimensão e a situação que a filosofia ocupa no pensamento de Blanchot e, em especial, o modo como a amizade com Lévinas e o contato com seus estudos influenciam e possibilitam este recorte. Com isto, pretendemos considerar a presença de Blanchot no cerne da filosofia francesa contemporânea, responsável por estabelecer um diálogo - ainda que nem sempre tão facilmente identificável, em razão do próprio estilo adotado pelo autor - com outros pensadores - a exemplo de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault além, claramente, de Emmanuel Lévinas. Assim, localizaremos a nossa abordagem em meio a outros estudos que já foram realizados a este respeito - a exemplo de "Au-delà du pouvoir? Lévinas, Blanchot et la philosophie française contemporaine" de David Uhrig, "Trois préludes sur les divergences entre Lévinas et Blanchot: la Transcendance, la Mort et le Neutre" de Smadar Bustan, e de textos que acabam por explorar a temática da filosofia dentro do pensamento de Blanchot, uma vez que esta aproximação não é dada tão obviamente nos estudos sobre o autor, a exemplo de "Entre Blanchot et la philosophie" Alain Milon e, em especial, "Le Neutre dans les limites de la philosophie" de Daiana Manoury. A partir do estabelecimento deste complexo contexto é que a presença de Lévinas se fará relevante para o nosso recorte temático, de modo a proporcionar uma linha condutora para o percurso proposto a respeito da relação destes autores com a filosofia.

No livro intitulado "*Blanchot L'obscur ou La Déraison Litteraire*" Henri de Monvallier e Nicolas Rousseau analisam a figura de Blanchot e o tomam por "um filósofo sem pensamento"<sup>1</sup> considerando, inicialmente, que o "propósito filosófico do autor" seria um tanto quanto "confuso"<sup>2</sup>.

A partir disto, a análise aqui proposta possui duas intenções iniciais diversas, entretanto complementares, (I) busca aprofundar a relação de Maurice Blanchot com a Filosofia mas, para tanto, (II) nos aproximarmos de Emmanuel Lévinas para, justamente, melhor compreendermos esta relação.

1 Livre tradução de: «Um philosophe sans pensée» (MONVALLIER et ROUSSEAU, 2015, p.117).

2 No original: «(...) c'est que son propos est plutôt confus.» (MONVALLIER et ROUSSEAU, 2015, p.119).

A interlocução entre os autores notadamente se estabelece de um modo peculiar - menos, talvez, pelos aspectos teóricos que aqui destacaremos e mais pela admiração mútua entre Lévinas e Blanchot, principalmente em razão de Blanchot ser demasiadamente reservado e recluso do que poderíamos considerar como a composição de uma cena intelectual da França contemporânea.

Assim, partimos de um breve texto de Blanchot intitulado “Conhecimento do Desconhecido”, presente em “Conversa Infinita 1 - A Palavra Plural” para realizarmos o percurso aqui pretendido.

## LÉVINAS PARA BLANCHOT

O texto, que se inicia com a indagação “O que é um filósofo?” (BLANCHOT, 2010, p. 95) dialoga com dois autores muito próximos a Blanchot: Emanuel Lévinas e Georges Bataille - este último que também se faz presente como interlocutor em “L’Amitié” em 1971. Blanchot caracteriza o filósofo como alguém que tem medo - mas, destaca-se, um medo qualificado, pois “pelo pavor, saímos de nós mesmo e assim fazemos a experiência assustadora daquilo que é inteiramente fora de nós e radical alteridade: o próprio exterior” (BLANCHOT, 2010, p. 95).

Assim, o desconhecido - tema caro aos debates presentes na França contemporânea - situa o filósofo como um ser angustiado, como aquele que, conhece o desconhecido, que experimenta os limites e, principalmente, o fora deste limite e que traz algumas questões peculiares: “como descobrir o obscuro sem pô-lo a descoberto? Que experiência do obscuro seria esta na qual o obscuro dar-se-ia em sua obscuridade?” (BLANCHOT, 2010, p. 98).

Neste contexto, forma-se um cenário interessante, pois, no momento em que este não-conhecido torna-se conhecido, podemos reduzir o primeiro ao segundo - movimento que quebraria a absoluta alteridade do desconhecido e, de certo modo, perderia o caráter de “desconhecível” - elemento que importa a Blanchot, justamente por sua irredutibilidade. Neste sentido, podemos observar um movimento semelhante à argumentação levinasiana em relação ao Mesmo e ao Outrem - o absolutamente outro.

Deste modo, é o medo, mais do que o próprio conhecimento (ainda mais o reconhecimento racional, visto que o medo remete à sensibilidade) que marca o filósofo, a atitude filosófica. É neste sentido que a admiração de Blanchot por Lévinas emerge pois, a partir deste, “é como um novo ponto de partida da filosofia e um salto que ela e nós seríamos convocados a dar” (BLANCHOT, 2010, p. 98).

Com isto, Blanchot destaca e endossa o cerne das considerações de Lévinas a respeito da necessidade da predominância da ética - e não mais da ontologia - como filosofia primeira no cenário contemporâneo:

De uma maneira geral, quase todas as filosofias ocidentais são filosofias do Mesmo e quando elas se preocupam com o Outro, este não

passa de um outro eu mesmo, sendo, no melhor dos casos, igual ao eu e procurando ser reconhecido por mim como Eu (assim como eu por ele), numa luta que é por vezes luta violenta, por vezes violência apaziguada no discurso. Mas somos conduzidos pelo ensino de Lévinas em direção a uma experiência radical.” (BLANCHOT, 2010, p. 99).

A partir disto, Blanchot observa quatro movimentos diferentes realizados por Lévinas que, de certo modo, expressariam esta relação entre o conhecido e o desconhecido e, principalmente, da manutenção desta separação na relação. São eles: a relação entre o finito e o infinito, o Desejo, a relação com o Rosto de Outrem e a linguagem - em especial a linguagem falada, o dizer.

Dentre estes, talvez o mais objetivamente compreensível seja o da relação entre o finito e o infinito, que retoma Descartes: o eu, finito, pensa o infinito e, neste movimento, “o pensamento pensa o que o ultrapassa infinitamente e o que ele não pode dar conta por si próprio: ele pensa então mais do que pensa” (BLANCHOT, 2010, p. 100). Assim, a idéia de desconhecido, de estrangeiro, de alteridade absoluta, de impossibilidade de redução do segundo termo ao primeiro, mas, ainda assim, a manutenção de uma relação entre termos separados - refutando a possibilidade de solipsismo.

Ocorre que, mais do que adentrar às estruturas do pensamento levinasiano, Blanchot tende a considerar o que o pensamento de Lévinas representa pois este, possibilitaria, de certo modo - ao considerar a ética e não a ontologia como a filosofia primeira, o fim de uma determinada maneira de se entender o que é a filosofia:

Observemos que ela [a construção do pensamento de Lévinas] poderia levar-nos à denuncia de todos os sistemas dialéticos, e também da ontologia, e inclusive, de quase todas as filosofias ocidentais, daquelas pelo menos que subordinam a justiça à verdade ou não aceitam como justa senão a reciprocidade das relações” (BLANCHOT, 2010, p. 107).

Ao recriarmos este contexto, no qual Blanchot se envolve com a construção do pensamento filosófico e com os posicionamentos de Lévinas, podemos retomar diversos aspectos da obra deste autor - os quais são, inclusive, apontados por Lévinas.

## BLANCHOT PARA LÉVINAS

De plano, podemos considerar que a negativa ou afirmação de “Blanchot filósofo”, que perfaz uma necessidade de categorização oculta em questões como “o que é um filósofo?”, para retomarmos Blanchot, ou “o que é a filosofia?” - e mesmo “o que é a literatura?”, para

relembrarmos Sartre, passa a receber aqui uma configuração peculiar, visto que a própria filosofia experimentalista, com Lévinas, a experiência de seu fora.

No início de “O olhar do poeta” Lévinas considera que

Blanchot, no entanto, não tende à filosofia: não é questão de ser inferior a tal medida, mas que Blanchot não vê na filosofia uma possibilidade final, nem reconhece, por outros, a possibilidade em si - no “eu posso” - o limite do humano.<sup>3</sup>

A partir das considerações de Blanchot em “Conhecimento do Desconhecido” a afirmação de Lévinas, de um não pertencimento de Blanchot à filosofia, ganha um aspecto próprio e que guarda relação com o movimento que observamos mas, o que Lévinas faz em relação à ética, Blanchot o faria em relação à arte e, especificamente, com a literatura, pois esta “nos lança, assim, a uma margem onde nenhum pensamento pode chegar; leva ao impensável.”<sup>4</sup>

Assim, é iniciado um movimento um tanto quanto semelhante ao que envolve o “Conhecimento do desconhecido”, que no contexto literário é reproduzido do seguinte modo: “A essência da arte seria passar da linguagem ao indizível que se diz, para tornar visível através do trabalho a obscuridade do elementar.”<sup>5</sup>

Este movimento, apresentado aqui tanto em relação a Blanchot quanto a Lévinas, retoma o princípio de nosso texto, mobilizando a Filosofia e também, de certo modo, a Literatura, de modo que gostaríamos de aprofundar dois aspectos: (I) ressaltando a maneira como Blanchot lida com a Filosofia e a Literatura para (II) retomarmos a argumentação acima desenvolvida sob o conceito de “fora” trazido por Blanchot.

Em uma breve análise dos comentadores de Blanchot, podemos considerar que não há um consenso conceitual do que poderíamos compreender como Filosofia ou como um fazer filosófico. Para cada um dos autores, que brevemente retomaremos, há uma concepção diferente que o relacionaria à Filosofia: ora uma análise de estilo, ora uma análise dos temas propostos por Blanchot ou mesmo dos interlocutores destes - muitas vezes filósofos, como Sartre, Heidegger e o próprio Lévinas.

Neste sentido, sem que entremos ainda materialmente na análise de Blanchot e no mérito das aproximações realizadas por Henri de Monvallier e Nicolas Rousseau, cabe destacarmos que, a respeito da relação entre Filosofia e Literatura, Blanchot participaria, de certo modo, dos dois, da seguintes forma: “Nem verdadeiramente literatura (mas preferencialmen-

---

3 Livre tradução de: “Y sin embargo, Blanchot no tiende a la filosofía. No se trata ya de que su pretenció sea inferior a una medida tal, sino de que Blanchot no ve en la filosofía la última posibilidad, ni reconoce, por los demás, en la posibilidad misma - en el “yo puedo” - el límite de lo humano.” (LÉVINAS, 2000, p. 30).

4 Livre tradução de: “ nos arroja así a una margen donde ningún pensamiento puede arribar; desemboca en lo impensable.” (LÉVINAS, 2000, p. 38).

5 Livre tradução de: La esencia del arte consistiría en pasar del lenguaje a lo indecible que se dice, en hacer visible por medio de la obra la oscuridad de lo elemental. (LÉVINAS, 2010, p. 38).

te reflexão sobre a literatura), nem verdadeiramente filosofia (pois desprovida de argumentação verdadeira), a obra de Blanchot joga em ambos registros permanecendo em um estilo híbrido.”<sup>6</sup>.

No texto que abre a obra *Maurice Blanchot et la philosophie* organizada por Éric Hoppenot e Alain Milon, o último escreve o texto *Entre Blanchot et la philosophie* estabelecendo, justamente, linhas da relação compreendida entre Blanchot e a Filosofia, considerando o que o “e” pode compreender.

As dificuldades inerentes à escrita de Blanchot já destacadas por Henri de Monvallier e Nicolas Rousseau também parecem como um ponto a ser considerado por Milon, de modo que relacionar o autor à Filosofia seria, conseqüentemente, uma tarefa complexa: “Mas é difícil dizer, por muitas razões, se há um sistema filosófico em Blanchot, sistema cuja missão principal é estabelecer e estabilizar um pensamento.”<sup>7</sup>

O texto inicial da obra de Hoppenot e Milon tem um ênfase semelhante à que pretendemos estabelecer neste momento do nosso texto, qual seja, de investigar as diversas possibilidades de interação entre Blanchot e a Filosofia. Quanto a isto, os questionamentos de Blanchot em relação ao Neutro (e, principalmente, ao conceito de Fora) ganharão relevância para a Filosofia, em razão do modo como este se estrutura - e que retomaremos adiante - mas que ao mesmo tempo também não se esgotam nela: “Nós diremos, então, quer para acessar ao Neutro, quer para o nomear ou para o entender, para o fazer acessar a uma forma - necessariamente particular - de visibilidade, é necessário sair da filosofia.”<sup>8</sup>.

Embora sem definir uma “classificação” para Blanchot neste momento, Milon realiza uma importante constatação a respeito da obra do autor, qual seja:

Escritura filosófica, escritura literária, escritura poética? Talvez os três juntos! Pouco importa, porque as escrituras ricas são plurais. Elas mostram que não há uma escritura filosófica, mas escrituras filosóficas. Porém, uma coisa é certa. Blanchot não está no sistema filosófico no sentido tradicional do termo; ele é na correspondência, não aquela da forma epistolar, mas a de base.<sup>9</sup>

---

6 Livre tradução de: «Ni vraiment littérature (mais plutôt réflexion sur la littérature), ni vraiment philosophie (car dénuée de véritable argumentation), l'œuvre de Blanchot joue sur les deux registres en permanence dans un style hybride.» (Cf. MONVALLIER et ROUSSEAU, 2015, p.137).

7 Livre tradução de: «Mais il est difficile de dire pour de multiples raisons s'il existe un système philosophique chez Blanchot, système dont la mission essentielle est d'asseoir et de stabiliser une pensée.» (MILON, 2010, p.2).

8 Livre tradução de: «On dira alors que pour accéder au Neutre, pour le nommer, pour l'entendre, pour le faire accéder à une forme – forcément particulière – de visibilité, il faut sortir de la philosophie.» (MARTY, 2009, p. 86).

9 Livre tradução de: «Écriture philosophique, écriture littéraire, écriture poétique ? Peut-être les trois réunies! Peu importe d'ailleurs car les écritures riches sont plurielles. Elles montrent qu'il n'y a pas une écriture philosophique, mais des écritures philosophiques. Une chose est sûre cependant. Blanchot n'est pas dans le système philosophique au sens classique du terme; il est dans la correspondance, pas celle de la forme épistolaire mais celle de la strate.» (MILON, 2010, p. 5).

A este respeito, ainda no sentido de estabelecermos um panorama do contato de Blanchot com a Filosofia, podemos destacar o modo como o autor, em 1971, analisa a linguagem filosófica e, para tal, o faz a partir da perspectiva de Maurice Merleau-Ponty. Nesta oportunidade Blanchot aproxima o escritor e o filósofo e, mais do que isto, destaca algumas características do discurso filosófico

(...) a filosofia é seu discurso, o discurso coerente, historicamente ligado, conceitualmente unificado, formação de sistema e ainda em fase de conclusão ou um discurso, não apenas múltiplo e fragmentado, mas incompleto, marginal, rapsódico, ponderando e dissociado de qualquer direito a ser falado, ainda que por aqueles que se sucederiam, anonimamente, para apoiar e continuar a fazer isso. Esta é, talvez, uma característica que devemos lembrar: o discurso filosófico é primeiramente sem direito.<sup>10</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a este cenário em que a relação de Blanchot com a Filosofia é, a todo momento, colocada à prova podemos considerar o Fora e o Neutro não apenas como uma palavra, mas sim como um termo, um conceito “filosófico” (Cf. MONVALLIER et ROUSSEAU, 2015, p.140).

De um modo mais objetivo, devemos retomar a explicação de Peter Pál Pelbart de modo a auxiliar a compreensão do “fora”:

O que é uma força? É relação com outra força. Uma força não tem realidade em si, sua realidade íntima é sua diferença em relação às demais forças, que constituem seu exterior. Cada força se «define» pela distância que a separa das outras forças, a tal ponto que qualquer força só poderá ser pensada no contexto de uma pluralidade de forças. O Fora é essa pluralidade de forças. O Fora, que é o exterior da força, é também sua intimidade, pois é aquilo pelo que ela existe e se define. O Fora não é a plenitude de um vazio onde viriam alojar-se as diferentes forças previamente constituídas. O Fora é a distância entre as forças, isto é, a Diferença. (PELBART, 1989, p. 121)

Em um outro momento do texto, o autor analisa novamente o conceito de “fora”, mas agora relacionando-o a Lévinas:

A questão do Outro em Blanchot segue a trilha aberta por Emmanuel

---

10 Livre tradução de: «(...) la philosophie est son discours, le discours cohérent, historiquement lié, conceptuellement unifié, formant système et toujours en voie d'achèvement ou un discours, non seulement multiple et interrompu, mais lacunaire, marginal, rhapsodique, ressasant et dissocié de tout droit à être parlé, fût ce par ceux qui se succéderaient, anonymement, pour le soutenir et le poursuivre en le rendant présent. Voilà peut-être un trait qu'il nous faut retenir: le discours philosophique est d'abord sans droit.» (BLANCHOT, 2010.2, p. 2).

Levinas, que em sua ética “fundamental” substituiu, ao primado da ontologia, o da relação de alteridade. Entretanto, ao assimilar o Outro ao Fora, (...) Blanchot utiliza essa ética como uma estratégia de des-subjetivação (...), isto é, de abertura para o Fora. (PELBART, 1989, p. 99).

Assim, encaminhando à nossa conclusão, podemos considerar que a relação de Blanchot com a Filosofia se estabelece, de certo modo, pelo seu “fora”. Talvez por este motivo a dificuldade de seus comentadores em defini-lo como um filósofo seja tão recorrente. A “filosofia” na qual ele se situaria, não é mais a que compreendemos em sua construção histórica no ocidente, pautada pela ontologia e pelo mesmo, mas sim uma nova filosofia (ou mesmo a morte da filosofia) - trazida, principalmente, por Lévinas.

Deste modo, Lévinas e Blanchot se aproximam de uma maneira muito específico e marcam as suas presenças no cenário intelectual da França contemporânea de fomentando o debate sobre as peculiaridades da Filosofia - e também, de certo modo, da Literatura.

## REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita. Tradução: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010. Vol. 1. A Palavra Plural.

BLANCHOT, Maurice. Le « discours philosophique » In : Maurice Blanchot et la philosophie : Suivi de trois articles de Maurice Blanchot [en ligne]. Nanterre: Presses universitaires de Paris Ouest, 2010.2. Disponível em: <http://books.openedition.org/pupo/1133>. ISBN : 9782821826878.

LÉVINAS, Emmanuel. Sobre Maurice Blanchot. Edición de José M. Cuesta Abad. Madrid: Editorial Trotta, 2000.

LEVY, Tatiana Salem. A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARTY, Éric. Maurice Blanchot, Roland Barthes , une <<ancienne conversation>>. Paris: Gallimard - Les Temps modernes, 2009/3 (n°654), p. 74-89. (Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-les-temps-modernes-2009-3-page-74.htm>).

MONVALLIER, Henri et ROUSSEAU, Nicolas Blanchot L'obscur ou La Déraison Littéraire. Paris: Éditions Autrement, 2015.

MILON, Alain. Entre Blanchot et la philosophie In : Maurice Blanchot et la philosophie: Suivi de trois articles de Maurice Blanchot. Nanterre: Presses universitaires de Paris Ouest, 2010. Disponível em: <http://books.openedition.org/pupo/1098>>. ISBN : 9782821826878. DOI : 10.4000/books.pupo.1098.

PELBART, Peter Pál. Da clausura do fora ao fora da clausura - loucura e resrazão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.